

Têxteis, linhas e memórias: tramas ilustradas

Textiles, líneas y recuerdos: parcelas ilustradas

Textiles, lines and memories: illustrated plots

*CÁSSIA CRISTINA DOMINGUEZ SANTANA*¹

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2640-9480>

*ALBERTO RICARDO PESSOA*²

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0231-3778>

Resumo

Saberes e técnicas relacionadas ao fazer têxtil ecoam no tempo e se consolidam como práticas identitárias que contam histórias de sua época e se reorganizam dentro das culturas promovendo novos desdobramentos. O presente artigo entrelaça memória e têxtil a partir de construções de ilustrações com inserções têxteis que figuram memórias, identidade individual, coletiva e cultural personificadas e materializadas entre papel e têxtil. Por meio de um laboratório experimental com imersão nos sentidos, memórias autobiográficas corporificam o têxtil em ilustrações costuradas a partir das relações com histórias de outros indivíduos, espaço e tempo. Dessa forma, ressalta a potencialidade das interfaces memória e têxtil. Com destaque para saberes tradicionais da região do Nordeste do Brasil, as visualidades apresentadas mantêm vivas as memórias que constroem o eu e refletem relações identitárias culturais e pessoais.

Palavras-chave: arte têxtil; memória; ilustração; saberes tradicionais.

¹ Mestranda em Artes Visuais do Programa Associado em Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco (PPGAV/UFPB/UFPE). Bacharel em Design de Moda pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFMG). dominguez.cassia@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/1695851434973120>

² Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Permanente do Programa Associado em Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco (PPGAV/UFPB/UFPE) e do Departamento de Mídias Digitais da UFPB. albertoricardopessoa@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/6167799335143402>

Resumen

Los conocimientos y técnicas relacionados con la confección de textiles resuenan en el tiempo y se consolidan como prácticas identitarias que cuentan historias de su tiempo y se reorganizan dentro de las culturas, impulsando nuevos desarrollos. Este artículo entrelaza memoria y textil a partir de la construcción de ilustraciones con inserciones textiles que presentan memorias, identidad individual, colectiva y cultural personificada y materializada entre papel y textil. A través de un laboratorio experimental con inmersión en los sentidos, las memorias autobiográficas encarnan el textil en ilustraciones cosidas a partir de las relaciones con las historias de otros individuos, espacio y tiempo. De esta manera, resalta el potencial de la memoria y las interfaces textiles. Con énfasis en el conocimiento tradicional de la región noreste de Brasil, las visualidades presentadas mantienen vivos los recuerdos que construyen el yo y reflejan las relaciones de identidad cultural y personal.

Palabras clave: arte textil; memoria; ilustración; conocimientos tradicionales.

Abstract

Knowledge and techniques related to making textiles echo in time and consolidate as identity practices that tell stories of their time and reorganize themselves within cultures, promoting new developments. This article interweaves memory and textile from the construction of illustrations with textile inserts that feature memories, individual, collective and cultural identity personified and materialized between paper and textile. Through an experimental laboratory with immersion in the senses, autobiographical memories embody the textile in illustrations sewn from the relationships with the stories of other individuals, space and time. In this way, it highlights the potential of memory and textile interfaces. With emphasis on traditional knowledge from the Northeast region of Brazil, the visualities presented keep alive the memories that build the self and reflect cultural and personal identity relationships.

Keywords: textile art; memory; illustration; traditional knowledge.

Apresentação

Tecer constitui-se de um ato, também simbólico, em que diversos fios se entrelaçam entre tramas e urdidura que dão materialidade ao tecido. E a memória? Não seria um entrelaçamento de histórias que constroem a vida de sujeitos? Tecer histórias a partir de memórias. A interface memória-têxtil. Não seria a vida como um têxtil? A urdidura é a matéria corpo-sujeito tramada a partir de fios da memória que entrelaçados na matéria corpo gera o têxtil, a vida. Matéria corpo, sujeito têxtil.

Assim como o tecido é construído a partir de pequenas fibras, a vida se constitui da soma de histórias acumuladas na memória. Entre esquecimentos e recordações, no entrelaçar de memórias se firmam noções identitárias. De tal modo, assemelhando-se ao ato de tecer, narrar memórias pode ser um ato simbólico para manter vivas histórias e tradições culturais de um povo, afirmando sua identidade.

Um historiador tem acesso ao passado por meio das representações culturais, históricas e sociais, e o tecido é um dos objetos de estudos para se chegar ao conhecimento de determinadas épocas. Por resquícios têxteis, pintura, fotografias, desenhos e ilustrações de eras passadas, o historiador penetra no mundo desconhecido por meio de registros que ressignificam não apenas o passado como também o presente. Assim, podemos dizer que o têxtil resgata histórias e memórias pessoais, coletivas e culturais. A materialidade do têxtil se apresenta, além da sua inserção física, por meio de metáforas e simbologias que dão corpo visual às memórias e resgatam uma conexão identitária entre sujeito, espaço e tempo.

Os têxteis artesanais, bordados e rendas entrelaçam significados de uma cultura, repercussões da matéria, do ato de tecer carregados de simbologias visuais buscadas na memória individual ou coletiva. O artesanato têxtil trabalhado nas várias regiões do Brasil se constituem em acervo da memória cultural brasileira.

Ao percorrer memórias, o experimento ascende o sensorial e desperta emoções já adormecidas. Entre um afago que se foi, lembranças perdidas, troféus de conquistas, laudo de dores e laços indestrutíveis, me vejo a construir visualidade em têxtil e papéis como uma maneira de sobreviver às memórias e de fazê-las sobreviver em si. Assim, elementos da memória tomam forma como matéria-prima principal para a construção das ilustrações. Entre linhas, tecituras, sobreposições e costuras, ilustro a minha identidade. Memória individual e

memória cultural se conectam para criar uma memória visual dos sentidos.

Portanto, o artigo aborda a interface entre ilustração, memória e têxtil e apresenta ilustrações que mesclam técnicas de desenho e pintura com a utilização de elementos têxteis para compor figuras que se apresentam além da representação gráfica. Aqui as ilustrações extrapolam as fronteiras gráficas e narram memórias, histórias e experiências carregadas de simbolismos e valores de uma identidade cultural. Assim, incorporam técnicas de tecelagem artesanal, bordado e costura na construção de narrativas visuais. Técnicas tradicionais antes ligadas a produtos de moda ganham outros contornos e significações características que se transformam em visualidades.

Assim como a moda, a ilustração não é estática e está em constante metamorfose, se reinventa, acompanha a sua era e registra culturas. A ilustração é traçada aqui sobre o viés da moda e comunica visualmente um comportamento humano, a identidade cultural e a memória individual e coletiva, que se configura na transmissão de saberes e se perpetua de geração em geração.

No fio da memória

Jan Assmann (2016, p. 116), professor de teoria cultural e religiosa da Universidade de Konstanz na Alemanha afirma: “Memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. A identidade, por sua vez, é relacionada ao tempo”. Em sua tese, Mascena (2017) acredita que a compreensão da trajetória de um indivíduo, seu reconhecimento como cidadão, é fundamentado na memória. Com essas afirmações embasamos as relações entre memória, têxtil e ilustração de moda aqui discutidas.

Considere aquilo que você sabe a respeito do mundo, dos outros e de você mesmo: toda essa informação foi adquirida através da experiência e está armazenada em suas memórias. Somos seres com história, construímos nossa identidade através de um processo que mescla as experiências vividas no ambiente e as nossas vivências interiores; assim, somos quem somos porque aprendemos e lembramos. A memória é uma das funções cognitivas mais complexas que a natureza produziu, e as evidências científicas sugerem que o aprendizado de novas informações e o seu armazenamento causam alterações estruturais no sistema nervoso. (DALMAZ; NETTO, 2014, p. 01)

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) discorre sobre a memória individual e a coletiva e considera que a memória de um indivíduo se apoia na memória de outros sujeitos. Segundo o autor a memória individual sofre interferência de imagens e ideias relacionadas a algum grupo e assim, também seria uma memória coletiva.

Acontece com frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partidas das vibrações, em nós ou nos outros. [...] nós não percebemos que não somos senão um eco. (HALBWACHS, 1990, p. 46)

Corroborando com Halbwachs (1990), Assmann (2016, p. 118) ainda aborda outro tipo de memória, a memória cultural, que não deixa de ser uma memória coletiva, como ele mesmo explica: “Memória cultural é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural.” A partir desse pressuposto, a memória de um indivíduo explora não apenas seu universo, mas constrói-se com a junção de memória de outros. “Nossa memória, que possuímos enquanto seres dotados de uma mente humana, existe somente em interação constante, não apenas com outras memórias humanas, mas também com “coisas”, símbolos externos.” (Ibidem, p. 118)

Coisas não “têm” uma memória própria, mas podem nos lembrar, podem desencadear nossa memória, porque carregam as memórias de que as investimos, coisas tais como louças, festas, ritos, imagens, histórias e outros textos, paisagens e outros “lieux de mémoire”. No nível social, com respeito a grupos e sociedades, o papel dos símbolos externos se torna cada vez mais importante, porque grupos que, é claro, não “têm” uma memória tendem a “fazê-la” por meio de coisas que funcionam como lembranças, tais como monumentos, museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições mnemônicas. (ASSMANN, 2016, p. 119)

De acordo com Luersen (2015, p. 728) é por meio da memória que nossas vivências criam raízes na mente e são utilizadas como base para a produção artística, e com essa consciência, muitos artistas elegem a memória como “instância privilegiada para a obra de arte”. São memórias individuais, mas como discutido por Halbwachs (1990) e Assmann (2016), com interferências coletivas, pautadas na identidade formada a partir de grupos.

Memória têxtil cultural

Ao considerar o estudo dos têxteis entre as “coisas” que não tem memória própria, mas que carregam memórias, abordadas por Assmann (2016), pode-se estabelecer relações identitárias com determinadas características culturais que se apoiam na memória têxtil disseminada a muito por seus povos por meio de comportamentos, vestimentas, decorações, artesanias e saberes e fazeres têxteis que resistem ao tempo, se ressignificam e tornaram-se representantes de culturas locais.

A manipulação de materiais têxteis (fios, linhas, tecidos, aviamentos), de elementos associados ao fazer têxtil (tear, máquina de costura, agulhas) juntamente a técnicas artísticas gráficas (desenhos e pinturas) aqui expostas, se apresentam como configurações de uma memória viva, experienciada e disposta no sensorial. Esse local de expressão envolve o emocional e subverte a imagem de “fazer doméstico” da costura, bordado e tecelagem que por muito tempo esteve arraigada à sociedade (PEREIRA, 2016; LOUISE GARDINER, 2017).

Associado até ao século XX às “artes menores” ou “artes aplicadas”, o têxtil configura-se como espaço de ambiguidades que, na tradição artística ocidental, entrecruza questões culturais, estéticas, de gênero, sociais, já que sobre si recai uma representação das atividades manuais como formas de diminuir a importância do trabalho feminino (remetida para um espaço da domesticidade). Contudo, no contexto da arte contemporânea irrompe como um dispositivo (não só técnico e plástico, mas também simbólico) capaz de mobilizar uma crítica aos próprios moldes em que se desenhou a historiografia da arte, os modelos e normas sociais de gênero, “raça”, religião, classe, etc. Há na utilização de elementos associados ao universo têxtil um potencial de transformação, onde a criação de imagens-objetos provoca um confronto com estereótipos, fantasmas, receios, expectativas e construções de ordem identitária, cultural e social – que da esfera individual do artista trespassam para o domínio das intersubjetividades partilhadas. (PEREIRA, 2016, p. 45)

Para Maneschky e Maia (2018, p. 222) as roupas “são rastros visuais que carregam o momento da criação e as pistas para as interconexões dessas informações com as interações socioculturais que envolvem o criador”. Para os autores, os objetos têxteis tornam-se objetos de reflexão e significação e figuram-se como um registro da memória coletiva e pessoal do designer. Partindo dessa afirmação, os tecidos transportam consigo características da época que são desenvolvidos, e dessa forma, carregam memórias culturais.

Entendemos que as identidades não são passíveis de totalização ou de centralização no indivíduo. Ela está em circulação nos conjuntos sociais e é assumida por indivíduos em suas existências particulares. Portanto, esse tipo de recorte, em que referências culturais são ativadas, ganham materialidade nas parcerias desenvolvidas com tecelagens especiais, em que materiais diversos eram empregados na trama dos tecidos. (MANESCHY; MAIA, 2018, p. 222)

A cultura regional é formada pelas manifestações culturais de uma determinada região e está diretamente ligada à noção de identidade local. Nesse contexto Lourenço (2014) explica que a noção e significado de local e de localidade seguem um processo de construção social. A globalização contribuiu para a ascensão acerca das identidades locais e regionais devido as migrações de povos com deslocamentos entre identidades culturais que, conforme Hall (2006), gerou um hibridismo de culturas. Assim, as culturas nacionais em que estamos inseridos se estabelecem como uma das principais fontes de identidade cultural (HALL, 2006).

O artesanato brasileiro tornou-se um legado artístico e firma-se como identidade de cada local. O resgate de técnicas e saberes tradicionais e demais elementos culturais locais de diversas regiões do Brasil tem ganhado maior visibilidade na atualidade. O uso do elemento cultural têxtil tem sido explorado por criadores, designers e artesãos como forma de distinção e destaque para a diversidade da artesanaria brasileira. (SANTANA; COPPOLA, 2021)

Stallybrass (2008, p.26) explica que no período renascentista os têxteis eram tidos como objetos de muito valor e eram deixados em testamento, “entre a aristocracia, deixar roupas ou testamentos era uma afirmação do poder do doador e da dependência de quem recebia.” Para o autor, essa transmissão têxtil significava transmissão da riqueza, da genealogia e de memórias. “As roupas são, pois, uma forma de memória”. (Ibidem, p. 33)

O que dizer do tecido de chita? Um tecido originário da Índia e que hoje faz parte da história e cultura brasileira. Um tecido entranhado na memória da região Nordeste do Brasil. Santana e Coppola (2021) explicam que o tecido de chita está presente em diversas manifestações culturais do Nordeste brasileiro, na decoração de casas, fazendas, resorts de luxo e no vestuário. O tecido, por muito tempo desprezado, hoje é explorado por designers, estilistas e artesãos. Suas estampas refletem a exuberância da flora brasileira com características marcantes entre cores vibrantes e flores de diversos tamanhos. A valorização do tecido chita

reflete diretamente na cultura do país:

A abrangência atual da chita no que diz respeito tanto às suas mais diversificadas utilizações, bem como geográfica e economicamente falando, é exemplo de superação e sucesso e nos faz perceber a imensa riqueza das possibilidades que a natureza nos proporciona. Este tecido faz-nos compreender o quanto é importante a valorização da representação da nossa cultura, do nosso povo, do nosso país nos projetos de design. Apesar de ter vindo de outros mares, trazida pelos colonizadores, foi aqui que ela se encontrou, se transformou e hoje é considerada uma manifestação popular e um tecido totalmente brasileiro (ROCHA; QUEIROZ, 2010, p. 10).

Neira (2015) faz considerações sobre a inserção dos têxteis à ideia de patrimônio na tentativa de demonstrar que seja qual for a natureza material de um artefato têxtil de uso social ou simbólico faz-se necessário sua “patrimonialização”. Seguindo esse pensamento, Lemos (2020, p. 43) acredita que “o artesanato guarda em suas ferramentas, matéria e tecidos (objetos privilegiados pela sua sensibilidade), universo de criação, transmissão, apropriação e interpretação – as imagens e o simbolismo de sua tradição”. Portanto, o artesanato têxtil transforma-se em patrimônio cultural quando sua potencialidade de transmissão de saberes e valor cultural simbolizam a tradição de um povo. Sobre patrimônio cultural, o artigo 216 da Constituição Federal (1988) afirma:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas [...]. (BRASIL, 1988, art. 216)

A partir dessa premissa, as técnicas, fazeres e saberes tradicionais têxteis fazem parte do patrimônio brasileiro referindo-se à identidade e memória de grupos sociais. Alguns processos oriundos da Europa, como técnicas e saberes tradicionais, sofreram mudanças no modo de disseminação e construção no Brasil e transformaram-se em saberes com características brasileiras, como é o caso da renda irlandesa, técnica utilizada pelas rendeiras de Divina Pastora em Sergipe, que foi incluída, em 2009, como Patrimônio Cultural do Brasil (IPHAN, 2020). Esse mesmo processo pode ser visto com técnicas de macramê e técnicas de tecer com bilros, muito presente no Nordeste, ambas de herança portuguesa.

Essa questão de transformação identitária pode ser observada no Sul da Bahia, que apresenta uma miscigenação de culturas com características acentuadas da cultura indígena. Sua identidade carrega traços europeus marcados na arquitetura e costumes, porém, alguns desses costumes foram adaptados às condições da região e firmaram-se como parte da cultura regional. Um exemplo é a cidade de Ilhéus, Bahia, antes fortemente marcada pelo eurocentrismo. Os filhos dos detentores do poder da região retornavam de seus estudos na Europa com a ideia de uma sociedade europeia perfeita e implementavam na região uma cópia da arquitetura, moda e comportamentos sociais europeus. Imigrantes árabes, libaneses e sírios também trouxeram elementos culturais que foram absorvidos e ajustados pela região cacaueira. Hoje, a cultura local é uma mistura de costumes adaptados que se entrelaçam a culturas nativas, cultura do cacau e culturas modernas, desenvolvendo características glocais (local e global) próprias. O fato de ter enfrentado uma grave crise no final da década de 1980, a praga da “vassoura de bruxa”, e a busca de alternativas para se reerguer contribuiu para uma reestruturação dessa identidade regional e cultural que se refletem em costumes, comportamento, artesanaria e vestimentas.

Conforme Oliveira (2020, p. 84), por meio do têxtil é possível contar e recontar histórias e fazê-las atravessar os tempos. Aqui, os têxteis se apresentam como o elo entre passado e presente ancorando-se em memórias. São fios que costuram histórias transformando-as em visualidades. Para Benarush (2012) as roupas são um testemunho de sua época e assim como as pessoas, possuem identidade que materializam um tempo passado e reflete a cultura e a sociedade. “A interpretação, associada a uma pesquisa historiográfica, valida o artefato culturalmente, dando-lhe autenticidade, e, salvo do esquecimento, o artefato torna-se memória. (BENARUSH, 2012, p. 114)

Submersão: memória, têxtil e ilustração

Bosi e Bruch (2012), explica que a memória pode servir como base para construirmos o presente e dela podem derivar vários projetos. Assim, passeio entre histórias, identidade cultural e formação, construindo tramas a partir de fios da memória. De acordo com Nogueira (1998, p. 116), “Na memória superpõem-se presente, passado e futuro”. Esse entrelaçamento de tempos é perceptível quando as memórias são evocadas por meios dos sentidos. Como o sabor marcante do *nibs* do cacau que provado no presente, mistura sensações e sentimentos de um passado e um futuro projetado.

Aqui debruço sobre minhas memórias para ressignificar experiências

amparadas no sensorial por meio de ilustrações desenhadas, costuradas, coladas, sobrepostas e bordadas. Por meio de um laboratório experimental trabalhado com os cinco sentidos mergulhei no passado e resgatei lembranças que, à luz, se tornaram tão frescas, como que palpáveis. Submergi em sensações e me vi. Meu eu nu e cru entretecido a partir de histórias e memórias de outros. Histórias tão minhas, mas tão outras. Entre tramas constitui-me.

O toque, o cheiro e as cores dos tecidos trabalhados por minha mãe na minha infância. O som da máquina de costura perfurando o tecido e dando forma tridimensional ao material povoam minhas memórias. A experiência única da hora da prova da peça. O tecido deslizando no corpo, o medo do alfinete espetar a pele, as sensações provocadas pelos diferentes tipos de tecidos - macio, áspero, texturizado, frio, liso, granulado, fluido, grosso. E o desvendar de uma loja têxtil? O corte ou rasgo têxtil, partículas de fibras no ar. Cada tecido tem sua própria identidade e uma história para contar, desde a matéria prima, fiação, tecelagem, beneficiamentos e a mão de obra por trás de cada detalhe.

As relações com o têxtil vêm tanto de memórias não convividas, contadas e experienciadas por bisavó, avó e mãe, como de memórias bem vividas. Por muito tempo assisti mamãe a costurar vestidos e outras peças para “suas bonecas”, como ela costuma chamar suas três filhas. Não era apenas a costura que me fascinava, mas o modo que mamãe se vestia. Suas roupas sempre elegantes ainda povoam minha memória. Iniciei no mundo têxtil ainda pequena com costura para as minhas bonecas sem vida. Com o tempo passei a desenhar e costurar roupas, tricotar e bordar. Outros caminhos me afastaram dessas conexões por um período e algumas memórias ficaram encobertas, mas sem dúvida, o têxtil ainda me fascinava. Esse encanto me tomou pelas mãos e me fez retornar às origens. Outra vez, mergulhada em memórias de acalanto, ressignifico o eu.

Lembro-me que ainda no início do curso de Design de Moda desenvolvi uma crônica para um projeto na qual abordava a relação entre memória, têxtil e roupas. Foi a partir dessa escrita que enxerguei com maior clareza a influência das minhas memórias na escolha da minha formação. Assim, mergulhei nesse universo e me aproximei da arte têxtil, da tecelagem manual e do fazer artesanal, técnicas trabalhadas por minha bisavó, avó e minha mãe. Essas memórias contadas passaram a fazer parte das minhas memórias e me trouxeram até aqui. Hoje, entrelaço essas experiências têxteis a produções de ilustrações ligadas a moda, a cultura nordestina e a identidade cultural firmada na região Cacaueira da Bahia.

Familiarizada com o universo têxtil, agora aprofundo essas conexões no

campo das artes visuais. Assim, entre fazeres artesanais e manuais estruturo o processo artístico na elaboração de ilustrações personificadas de memórias tangenciadas a várias fases da vida, à cultura do local em que nasci, que firmei raízes e à formação. Essas memórias perpassam locais, tempos e sujeitos e me aloca como turista de mim mesma, adentrando um labirinto de fios da memória, me forçando a percorrer caminhos por vezes esquecidos e dolorosos.

O trabalho com têxtil evoca memórias e provoca sentimentos. A inserção do têxtil ressignifica minha história, meus laços, e a inserção de retalhos e resíduos de têxteis apresenta um novo desdobramento da própria história do têxtil. Assim como uma colcha de retalhos carrega muitas simbologias com fragmentos têxteis, esses resíduos carregam memórias pessoais que se materializam em novas visualidades. A produção artística apresentada foi construída a partir de vivências que me marcaram ao longo da minha caminhada. Desde as experiências vivenciadas na terra natal como em outras culturas locais que imergi.

No livro *Amor, perdas e meus vestidos*, de Ilene Beckerman (2012), a autora narra as memórias mais impactantes de sua vida a partir de peças do seu vestuário representadas também por meio de ilustrações da própria autora. Ela apresenta os têxteis como elementos construtores de suas memórias por meio de narrativas textuais e visuais. Assim como Beckerman, ancoo em lembranças e por meio de ilustrações trabalhadas com inserções têxteis desenvolvo narrativas visuais. Aqui componho o eu tecido por entre memórias, desenhos, fios, linhas, agulhas, teares e têxtil.

Para Oliveira (2005, p. 32), a arte e a moda se aproximam por meio dos elementos visuais e características de criação do artista e do estilista. “[...] é a partir da linguagem visual [...], que há um elo entre a interface arte-moda, pois tanto o artista quanto o estilista trabalham com estes elementos em seus percursos criativos.” Corroborando com Oliveira, Lugli (2014, p. 3) explica que “A ilustração transita entre a arte e o design, pois alia expressão visual, identidade e técnica de representação com a habilidade de comunicar ideias e valores”. Desse modo, costuro arte e moda por meio de visualidades expressas em ilustrações de moda que personificam uma região com inserção de elementos da cultura sul baiana.

A ilustração é um meio expressivo para narrar memórias, comportamentos e eventos, e traduz histórias com linguagens da imaginação. Assim, podemos considerar que ilustrar é contar uma história por meio da comunicação visual. O campo de estudo da ilustração é amplo e composto por diversos gêneros com técnicas diversas como pintura, colagem, bordado, costura, meio digital, entre

outras. Em essência, a ilustração, a arte e o design estão interligados, e aqui, a ilustração será abordada no gênero artístico dentro do universo do designer de moda.

São as ilustrações que capturam a imaginação, que permanecem com o espectador e que conectam ao presente os momentos de nossa história pessoal. [...], as ilustrações têm o papel de definir momentos e períodos importantes ao longo do tempo. Em uma escala maior, é justo dizer que a ilustração registrou as conquistas do homem, interpretando-as de uma forma que não era possível antes do nascimento da fotografia. (ZEEGEN, 2009, p. 12)

A ilustração tem papel fundamental na história da moda. As primeiras gravuras detalhadas do vestuário e a ilustração de moda contemporânea, mesmo com intenções diversas, registram o vestuário, o comportamento humano e valores culturais em épocas específicas. (CAVALCANTE, 2010). Roupas e têxteis têm acompanhado a inspiração de muitos artistas, e os desenhos, gravuras e ilustrações de moda têm grande importância documental e artística; retratam culturas e guardam memórias.

Na contemporaneidade a ilustração de moda busca no passado inspirações que se mesclam com técnicas modernas. Assim, surgem novas técnicas exploradas além do desenho manual como colagens com materiais criativos, sobreposições, bordados, esculturas em papel, ilustração digital e interferências em fotografia (MORRIS, 2009). Em sua dissertação, Gragnato (2008, p. 47) observa que ao analisar as ilustrações de moda contemporâneas “fica ainda mais claro que esse tipo de representação recusa classificações tradicionais; ela encontra e segue seus próprios caminhos, em meio a tendências e novas tecnologias digitais”.

Poéticas tramadas em visualidades

A série de ilustrações aqui exibidas representam um retorno às raízes: às minhas memórias, origem e formação. Nessas produções os sentidos por vezes se misturam e recriam uma memória pontuada por elementos que ressaltam as sensações experimentadas. São memórias vivas da região Cacaueira da Bahia (matas, fazendas, cores, praias e cacau), laços afetivos e familiares (afagos, músicas, costura, aromas) e congruências da minha formação (moda, têxtil, bordado, tecelagem e muitos desenhos) que se materializam por meio visual.

As ilustrações apresentadas relacionam moda, arte e memórias expressas por elementos marcantes em minhas lembranças como o fruto cacau, o têxtil e o

desenho. Assim são compostas por técnicas mistas com aquarela, guache, pastel seco, nanquim, colagem e sobreposição têxtil, tecelagem artesanal, trançado têxtil, macramê, renda Tenerife, costura sobre papel e bordado à mão sobre papel e tecido.

A ilustração *Entre tramas* abre o enredo das minhas memórias por meio de têxteis, fazer artesanal e cacau. O bordado à mão em entretela foi sobreposto em um tecido artesanal construído em tear manual. *Raiz* exhibe o cordão umbilical das minhas memórias. Lembranças de um carinho e passeios entre os cacaueiros. Um elo trabalhado com linhas sobre papel. Uma ilustração construída com aquarela, guache, nanquim e bordado sobre papel. (Figura 1)

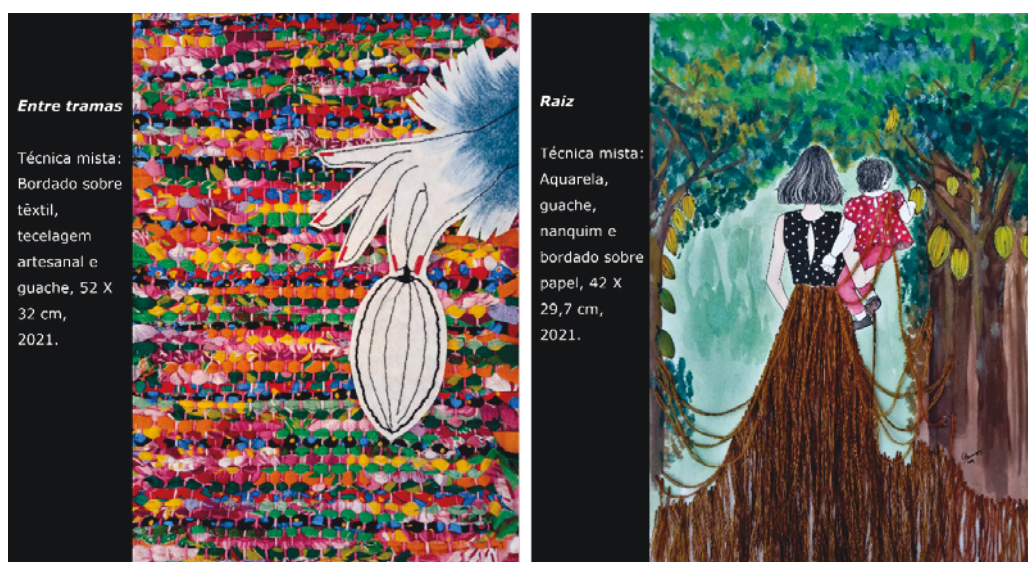


Figura 1 - Entre Tramas e Raiz (2021). Fonte: Ilustrações da autora.

Em pauta apresenta um musical da minha vida. Os sons que vinham da vitrola, do violino de papai, dedilhar no violão e solfejos que me acompanham até hoje. Ilustrada sobre papel com aquarela, nanquim e costura em máquina. A ilustração *Paleta* exhibe um recorte da paleta visual da minha história, pontuada por cores, texturas, letras e rabiscos. É desenvolvida sobre papel com nanquim, guache, pastel seco, colagem têxtil e bordado sobre papel. (Figura 2)

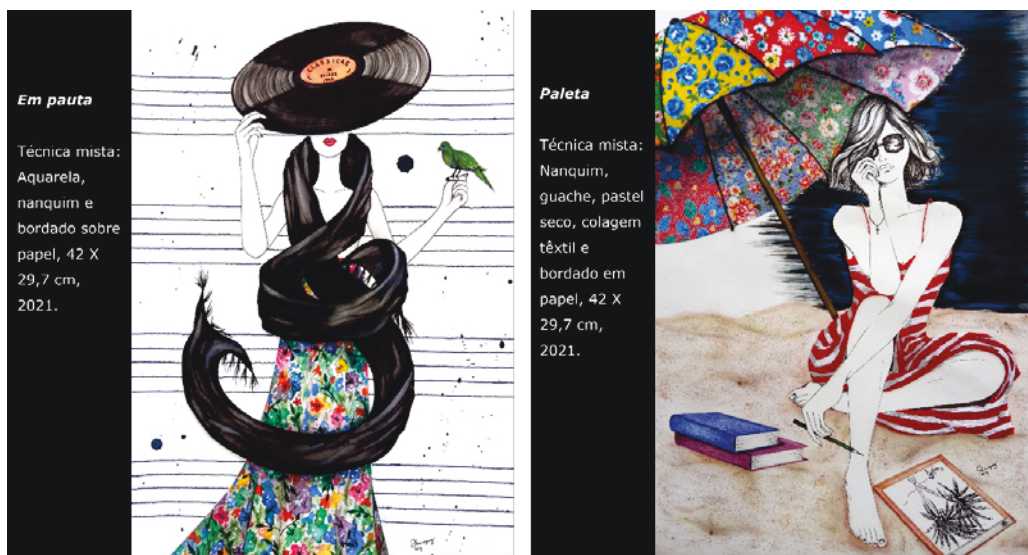


Figura 2 - Em pauta e Paleta (2021). Fonte: Ilustrações da autora.

Camacã promove uma travessia dos sentidos e uma elevação de recordações por meio dos aromas do lar. Foi desenvolvida sobre papel com técnicas mistas como guache, pastel seco, colagem têxtil e bordado sobre papel. A ilustração *José (in memoriam)* apresenta o lado mais pesaroso, mas também um afago nas lembranças. Ilustrado sobre papel com aquarela, nanquim e colagem têxtil. (Figura 3)



Figura 3 - Camacã e José (in memoriam), 2021. Fonte: Ilustrações da autora.

Entretecida é um mergulho na minha identidade cultural. Uma homenagem à terra dos camacãs. Desenvolvida sobre papel com colagens, sobreposições em papel e têxtil, trançado e macramê com fios têxteis. A ilustração *Bendito fruto* consolida as memórias com uma pitada de sabores entre passado e presente. Trabalhada sobre papel com técnicas de aquarela, guache, colagem e bordado sobre papel. (Figura 4)



Figura 4 - *Entretecida* e *Bendito Fruto* (2021). Fonte: Ilustrações da autora.

Parafraseando Paula Luersen (2015, p. 728), colho nas minhas lembranças experiências que servem de base para as minhas produções. Materializo e ressignifico memórias narradas visualmente por meio gráfico e têxtil. Assim, costuro história e evoco a prática têxtil entre memórias.

Considerações finais

O artigo se baseia em memórias individuais, coletivas e culturais em relação a têxteis, como forma de ressaltar a importância da memória têxtil para a preservação das identidades e culturas. Nas ilustrações apresentadas, a linha e o têxtil vão além da representação gráfica, estão fisicamente presentes, delineando as lembranças e aproximando-se do ato de costurar. As linhas e tecidos utilizados costuram memória sobre o papel. As cores, formas, texturas e espaços vazios atravessam os sentidos para dar visualidade ao intangível. Assim, transborda memórias reescritas entre têxteis e papéis.

Nesse caminhar identitário enxergamos que cada detalhe vivido molda o têxtil da vida. Cada situação percorrida na memória contribui para o presente. O universo que estamos envolvidos nos moldam. Sem as memórias não existem o “sou”. A partir dessas premissas, a construção da narrativa visual no laboratório experimental resultou em sobreposições de tempos das lembranças com costuras entre têxtil, memória e ilustrações, corroborando com as discussões aqui apresentadas. Reconhecer a interface memória-têxtil contribui para a perpetuação da cultura têxtil de uma região e reivindica debates acerca da valorização de técnicas artesanais e saberes tradicionais, relacionados ao universo têxtil, atribuídos a grupos e locais que transpassam o tempo.

Assim como Benarush (2012, p. 116) afirma que a repetida frase “Brasil, um país sem memória” deve ser desconstruída, acreditamos que contar histórias por meio de técnicas e saberes tradicionais relativos aos têxteis podem contribuir para a perpetuação de regionalismos e propagação da memória cultural no Nordeste. Dessa forma, ilustrar com inserções têxteis trabalhadas com técnicas difundidas na artesanaria de diversos povos da região nordestina do Brasil, não apenas apresenta destaque para esse nicho como também mantém vivas as memórias que nos contam. Aqui os têxteis atravessam o tempo e deixam raízes que marcam a identidade e memória cultural.

Referências

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 115–128, 2016. <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BECKERMAN, Ilene. **Amor, perdas e meus vestidos**. Ilustrações de Ilene Beckerman. Tradução de Isabel A. W. de Nonno. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

BENARUSH, M. K. A memória das roupas. **dObra[s]** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 5, n. 12, p. 113-117, 18 jan. 2012. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/121>. Acesso em 15 jul. 2021.

BOSI, Eclea; BRUCK, Mozahir. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. (Entrevista). **Dispositiva**. Belo Horizonte, v. 1 n. 2, (2012): nov. 2012 / abr. 2013. 2012. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301>. Acesso em: 11. jun. 2021.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Seção II, Artigo 216, caput, incisos, parágrafos.

CAVALCANTE, Nathalia C. de Sá. **Ilustração: uma prática passível de teorização**. 285 f. 2010. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2010.

DALMAZ, Carla; NETTO, Carlos A. A memória. **Ciência e Cultura**, v.56, n.1, p. 1-4, jan./mar. 2014. São Paulo. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000100023&script=sci_arttext. Acesso em: 19 jul. 2021.

GRAGNATO, Luciana. **O desenho no design de moda**. 2008. 85 f. Dissertação - (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2008. <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-128836/o-desenho-no-design-de-moda>. Acesso em: 27 mar. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104p.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Modo de fazer renda irlandesa**. Brasília - DF, 2020. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/68>. Acesso em: 06 jul. 2021.

LEMO, Liliane B. **Fiando o canto: sabedoria e imaginação simbólica na tessitura da tecelã**. 2020. 246 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Cultura, Filosofia e História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020.

LOUISE GARDINER. **Biography**. Inglaterra. 2017. <https://www.lougardiner.co.uk/biography.php>. Acesso em 16 jun. 2021.

LOURENÇO, Nelson. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. **Mulemba** - Revista Angolana de Ciências Sociais, 4 (8), 2014. <https://journals.openedition.org/mulemba/203>. Acesso em: 11 jun. 2021

LUERSEN, Paula. A memória na arte contemporânea: em busca de passados

presentes. DE JESUS, S. (Org). In: Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos. 8, 2015. **Anais [...]** Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT3_paulaluersen.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

LUGLI, Daniele. A retomada da ilustração como um recurso para a construção de identidades na moda contemporânea. **Revista Educação Gráfica**, v. 18, n. 02. 2014. Bauru – SP: UNESP - Universidade Estadual Paulista. 14 f. <http://www.educacaografica.inf.br/artigos/a-retomada-da-ilustracao-como-um-recurso-para-a-construcao-de-identidades-na-moda-contemporanea>. Acesso em: 27 mar. 2021.

MANESCHY, Orlando; MAIA, Yorrana. Territórios Culturais: construções têxteis na obra do estilista André Lima. In: **Têxteis, Identidade e Inovação: Projeto o Futuro**. Montagna, G., & Carvalho, C. (Eds.). (2018). Proceedings of the 1st International Textile Design Conference (D_TEX 2017), 2 a 4 de novembro de 2017, Lisboa, Portugal (1ª ed.). 221 – 225 p.

MASCENA, Suelany C. R. **Tecendo os fios da memória: palavra e memória nos romances de Mia Couto**. 2017. 210 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2017. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29811/1/TESE%20Suelany%20Christtinny%20Ribeiro%20Mascena.pdf>. Acesso em 19 jul. 2021.

MORRIS, Bethan. **Fashion illustrator: manual do ilustrador de moda**. Título original: Fashion Illustrator. Tradução: Iara Biderman. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 240 p.

NEIRA, Luz G. Têxteis como patrimônio cultural. **Cultura Histórica & Patrimônio**. v. 3, n. 1, 2015. Alfenas – MG: UNIFAL. http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/01_art_v3n1_neir. Acesso em: 18 jul. 2021.

NOGUEIRA, Maria A. L. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**. Casa de Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 115-123, jun. 1998. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TJVSM8CMHGLNZ9t6zBw3dGm/?format=html>. Acesso em: 11 jun. 2021.

OLIVEIRA, Jociele L. de. **Interface arte-moda: tecendo um olhar crítico-estético do professor de artes visuais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa

de Pós-Graduação em Educação – Pesquisa em Educação e Artes, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005. <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6796/JOCIELE%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 out. 2020.

OLIVEIRA, Natália R. Artes têxteis e narrativas de memória na América Latina. **Estado de alerta!** Encontro ANPAP Sudeste de Jovens Pesquisadores. Niterói, Rio de Janeiro, 2020. p. 75 – 86. https://b4c4de47-0382-4cd6-801b-97aba7268019.filesusr.com/ugd/86356a_ad9dbb30d30d43558485d000c1b1ca7f.pdf__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 11 jun. 2021.

PEREIRA, Teresa I. M. Suturar e bordar: o têxtil como metáfora de identidade, memória e violência na obra de Cláudia Contreras. **Revista Croma**, Estudos Artísticos, 4 (8), p. 43-55, 2016. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35747/2/ULFBA_C_v4_iss8_p43-55.pdf. Acesso em: 19 jul. 2021.

ROCHA, Maria D.; QUEIROZ, Mônica. O significado da cor na estampa do tecido popular: a chita como estudo de caso. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s.n.], 2011. http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202010/68848_O_significado_da_cor_na_estampa_do_tecido_popular_-_a_.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

SANTANA, Cássia C. D.; COPPOLA, Soraya A. A. Moda artesanal: explorando uma cultura regional brasileira por técnicas e saberes tradicionais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 14, n. 1, p. 47-72, jan./abr. 2021. <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/47468/pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ZEEGEN, Lawrence. **Fundamentos de ilustração**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

Recebido 25 jul. 2021.

Aceito 01 set. 2021.



As obras deste periódico estão licenciadas com
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.